

STUDIA

IBERYSTYCZNE

13
2014

**UNIVERSOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
EM DEBATE**

ŚWIATY JĘZYKA PORTUGALSKIEGO

eds.

**Anna Rzepka
Natalia Czopek**



Kraków

Eds. Anna Rzepka / Natalia Czopek

© Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego
and individual authors, 2014

Correção linguística:

Ana Wąs-Martins, Cláudio Vinagre

Redação: Edyta Wygonik-Barzyk

Desenho da capa: Igor Stanisławski

A publicação é subsidiada pelo Ministério da Ciência e do Ensino
Superior da Polónia (auxílio *de minimis*) e pela Faculdade de Filologia
da Universidade Jagelónica

Publicado em forma de e-book junto com as 150 cópias em papel

A versão principal é a versão em formato digital

ISSN 2082-8594

e-ISSN: 2391-7636

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków

tel./faks: 12 431-27-43, 12 663-11-67

e-mail: akademicka@akademicka.pl

La librería digital – A livraria digital:

www.akademicka.pl

Wstep	7
Prefácio	11

LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Yana ANDREEVA, <i>A busca de identidade em «Jornada com Rupert» de Salim Miguel</i>	17
Kathryn BISHOP-SANCHEZ, <i>Texto reescrito, texto esquecido: «Philidor», uma pérola queirosiana</i>	29
Gabriel BOROWSKI, <i>A vantagem dos míopes: entre história e literatura</i>	41
Anna DZIAŁAK, <i>D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, à luz da «Crónica de El-Rey D. Affonso Henriques» de Duarte Galvão. As «origines regni» revisadas</i>	53
Filipa FREITAS, <i>«Encarnação e Ressurreição de Cristo»: duplicação de um modelo textual</i>	67
David FRIER, <i>A Política do casamento: adultério, família e paternidade em Camilo Castelo Branco</i>	81
Patrícia INFANTE DA CÂMARA, <i>O silêncio nas páginas de «Novas Cartas Portuguesas» (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) e na imagética monocromática de Helena Almeida – uma perspetiva interdisciplinar</i>	99
Anna KALEWSKA, <i>A tradição de Camões na poesia brasileira durante o Arcadismo ou a reinvenção do imaginário épico em «O Uruguay» de Basílio da Gama e n'«O Caramuru» de Santa Rita Durão</i>	111

Kamila KRAKOWSKA, <i>As memórias perdidas da nação moçambicana: «Terra Sonâmbula» e «O Outro Pé da Sereia» de Mia Couto</i>	133
Júlio Cesar MACHADO DE PAULA, « <i>Nem todas as crianças vingam!</i> »: genealogia e afrodescendência na literatura brasileira	149
Jerusa PIRES FERREIRA, <i>António Vieira: prolongada presença, voz profética e performance</i>	161
Pierre-Michel PRANVILLE, <i>O estranho caso do romance policial na literatura lusófona</i>	171
Ana RIBEIRO, <i>De José para José: o último Saramago segundo Rodrigues dos Santos</i>	183
Artur Henrique RIBEIRO GONÇALVES, <i>Maria Teresa Horta e Leonor de Almeida Portugal: do grão de luz ao bago da romã...</i>	195
Sandra TEIXEIRA, <i>O «cordel do cordel»: deambulações pelo acervo Raymond Cantel</i>	205
Bálint URBÁN, <i>A emergência do sujeito político em «Levantado do Chão» de José Saramago – uma perspetiva rancieriana</i>	219
Magdalena WALCZUK, « <i>Cadernos Negros</i> » – vozes afro-brasileiras às margens da literatura	231
Anna WOLNY, <i>A mulata – entre o ódio e o amor</i>	243

LINGUÍSTICA E ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Hanna J. BATORÉO, <i>Criatividade Linguística, Cultura e Ensino da Língua Portuguesa (Português Língua Não-Materna): O que a Linguística Cognitiva nos ensina acerca das diferenças entre o Português Europeu e o Português do Brasil?</i>	259
José BORGES NETO, <i>A manutenção da perspetiva clássica sobre a linguagem como empecilho para os estudos morfológicos</i>	273
Alexandre Marcelo BUENO, Regina PIRES DE BRITO, <i>Português como língua estrangeira: difusão do português em contexto timorense</i>	285

Vesela CHERGOVA, <i>Estudo contrastivo da configuração das categorias verbais em português e em búlgaro</i>	297
Joaquim COELHO RAMOS, <i>Ocorrência e interpretação dos modais poder e dever em português jurídico</i>	317
Natalia CZOPEK, <i>As influências linguísticas portuguesas em África fora das fronteiras dos PALOP</i>	327
Przemysław DĘBOWIAK, <i>A língua portuguesa na transcrição cirílica num dicionário do século XVIII</i>	343
Bartosz DONDELEWSKI, <i>«Falar diferente» e conservar um geoleto vernáculo. Notas sobre a importância da fonética no fortalecimento dos princípios da identidade de G. Breakwell no caso da comunidade d'a fala de Xálima (Cáceres, Espanha)</i>	357
Joanna DRZAZGOWSKA, <i>Infinitivo pessoal – um fenómeno português? Algumas observações acerca do infinitivo flexionado</i>	371
Jan HRICSINA, <i>Substituição do gerúndio pela construção a + infinitivo no Português Europeu (estudo diacrónico)</i>	383
Jakub JANKOWSKI, <i>Banda Desenhada portuguesa traduzida para polaco. Abordagem histórica e teórica na área dos estudos de tradução</i>	403
Sylvia MIKOŁAJCZAK, <i>Características fonéticas do Português da Ilha Terceira</i>	417
Anna OLCHÓWKA, <i>Vencedores, heróis, craques... A imagem linguística do êxito desportivo na imprensa eletrónica portuguesa</i>	425
Bożenna PAPIS, <i>O tratamento das formas de tratamento nas aulas de português língua estrangeira</i>	435
Hanna PIĘTA, <i>De periferia a periferia: constantes e variações na história externa da tradução da literatura polaca em Portugal</i>	445
Sergio ROMANELLI, <i>A língua portuguesa nas traduções do Imperador Dom Pedro II</i>	461
Ildikó SZIJJ, <i>Verbos irregulares com prefixo em português e outras línguas românicas</i>	473
José TEIXEIRA, <i>Língua escrita e língua real: o que um corpus oral permite descobrir</i>	487

Małgorzata WIELGOSZ, <i>Modalidade epistémica e evidencialidade nos sermões católicos na língua portuguesa</i>	507
--	-----

VARIA CULTURALIA

Anabela BRANCO DE OLIVEIRA, <i>O cineasta e a cidade: Manoel de Oliveira e O Porto</i>	521
Grażyna JADWISZCZAK, <i>O fenómeno «Amália» – um capítulo crucial na história religiosa do Fado</i>	535
Paulo PIRES PEPE, <i>Queerizações da Música Popular de António Variações</i>	551

Sylwia Mikołajczak
Uniwersytet im. Adama Mickiewicza w Poznaniu
era104@amu.edu.pl

Caraterísticas fonéticas do Português da Ilha Terceira

Resumo:

Um contexto histórico e geográfico da expansão natural de uma língua leva a uma formação de dialetos. O objetivo deste artigo é apresentar alguns exemplos de distintas características fonéticas do Português falado na Ilha Terceira (Açores). O dialeto revela tais propriedades fonéticas como *release* de vogais anti-hiáticas e ditongação, das quais a primeira aparece quase unicamente na Ilha Terceira. No entanto, outras características fonéticas como labialização da vogal [u], que é muito comum nos grupos ocidental e oriental das ilhas, não se aplicam ao dialeto da Terceira. Por isso, prevê-se que as características dos dialetos do Norte de Portugal tenham tido mais influência sobre o Português da Ilha Terceira do que os do Sul.

Palavras-chave: dialeto terceirense, traços fonéticos, *release* de vogais anti-hiáticas, ditongação, harmonização vocálica.

Abstract:

Phonetic characteristics of the Portuguese island of Terceira

A historical and geographical context of a natural expansion of a language leads to a formation of dialects. The aim of this article is to present some examples of

phonetic, distinctive characteristics of Portuguese spoken in Terceira Island (the Azores). The dialect reveals such phonetic properties as anti-hiatic vowel release and *diphthongization*, of which the first is almost totally limited to Terceira Island. Whereas, other phonetic characteristics such as labialization of the vowel [u], commonly occurring in the western and eastern groups of the islands, does not apply to the dialect of Terceira. Therefore, it is anticipated that the features of the northern dialects of Portugal had more influence on the Portuguese of Terceira Island than the southern ones.

Keywords: dialect of Terceira Island, phonetic characteristics, anti-hiatic vowel release, *diphthongization*, vocalic harmonization.

Introdução

A língua portuguesa apresenta configurações linguísticas diferentes inclusivamente na variante europeia, conforme o lugar onde é falada, embora a distância geográfica seja relativamente pequena. A língua muda de acordo com fatores históricos, sociais e geográficos. O propósito deste artigo é apresentar algumas particularidades fonéticas do Português falado na Ilha Terceira.

Neste artigo apresentamos os resultados da primeira etapa de uma pesquisa sobre o dialeto açoriano falado na Ilha Terceira. O trabalho realizado até agora teve por objetivo responder a quais as características atuais do açoriano da Ilha Terceira em termos de qualidades fonéticas. Escolhemos o dialeto terceirense para constituir o assunto do nosso estudo porque essa forma dialetal reflete uma evolução espontânea local, formando-se em isolamento e com alguns contatos com línguas que marcaram presença na ilha (flamengo, espanhol e inglês). Outro motivo da nossa escolha do tema é o fato de o Português da Ilha Terceira não ter sido tão bem estudado e descrito como o dialeto micalense. De qualquer forma, não se antevê a apresentação de uma visão completa de uma temática tão complexa à qual ainda não se dedicou uma pesquisa aprofundada.

Fundo histórico da formação do dialeto terceirense

A questão da formação do dialeto da Ilha Terceira está intimamente ligada à história desta região. O nativo ilhéu, graças ao isolamento em que viveu em tempos, ainda usa atualmente particularidades fonéticas próprias dessa região. Este pequeno trabalho tem como objetivo uma breve descrição dessas peculiaridades no falar específico dos habitantes do arquipélago. No entanto, antes de as descrever seria adequado mencionar alguns fatos históricos e sociais com os quais se relacionam as características linguísticas da Ilha Terceira, a segunda ilha mais populosa dos Açores, e localizada a Leste das cinco que compõem o Grupo Central do arquipélago.

Embora haja muitas hipóteses em relação à primeira descoberta do arquipélago, nenhuma delas tem como prova um documento escrito que possa comprovar tal facto. A língua portuguesa foi falada pela primeira vez nos Açores, provavelmente, em 1427 quando o navegador do rei, Diogo de Silves, desembarcou nas ilhas. A colonização das novas terras começou um pouco mais tarde. O que se sabe concretamente é que Gonçalo Velho chegou à ilha de Santa Maria em 1431, decorrendo nos anos seguintes o (re)descobrimento das restantes ilhas do arquipélago dos Açores, no sentido de progressão de leste para oeste. Os portugueses, animados pelo sucesso da exploração da Madeira, começaram a colonização do Arquipélago dos Açores com grande entusiasmo. A localização privilegiada dos Açores tornou-os desde os primeiros anos dos descobrimentos um ponto importante entre o Velho e o Novo Continente, que depressa se transformou em base de partida das caravelas que iam para as terras desconhecidas do Ocidente.

Em 1439, o Infante Dom Henrique mandou enviar para as ilhas os primeiros rebanhos de ovelhas e os colonizadores continuaram a povoar as ilhas de Santa Maria e São Miguel, onde se iniciou o povoamento com famílias oriundas do Alentejo, Algarve e da Estremadura. Como escreve Gaspar Frutuoso [*apud* Blayer, 2004: 43] nas suas crónicas, escritas entre 1565-1589, os primeiros povoadores do

arquipélago eram gente do sul, do centro e do norte, representantes da totalidade do país daquela época. Outras fontes dizem que entre os que vieram para os Açores estavam judeus, cristãos-novos, mouros e flamengos, estes últimos por influência de D. Isabel, esposa de Filipe III. Porém, desde o início o Português falado nas ilhas não era uniforme e foi evoluindo “com forças externas e internas – sobretudo internas” [Helmut Lüdke, Lindley Cintra, Paiva Boléo, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana *apud* Blayer, 2004: 45].

A Ilha Terceira foi a terceira paragem do arquipélago a ser reconhecida por navegadores portugueses, provavelmente entre finais de 1420 e inícios de 1430, a seguir às descobertas anteriores de Santa Maria e São Miguel. O povoamento é mais tardio do que no grupo oriental, pois só em 1449, o Infante D. Henrique incumbe Jácome de Bruges, flamengo de nascença, de colonizar a ilha. Apesar deste primeiro investimento, o povoamento efetivo da ilha só terá sido realizado a partir de 1470.

Nos séculos XV e XVI, a relevância da baía de Angra não só é notória como entreposto comercial interno, promovendo o circuito de produtos regionais produzidos nas demais ilhas, como assume ainda maior protagonismo como escala inter-continental para as naus que navegavam entre a Europa e as distantes América e Índia. A cidade de Angra, fundada em 1534, torna-se o centro político, económico e religioso dos Açores e para ela fluem metais preciosos e especiarias exóticas que tornam a ilha num alvo privilegiado e continuado de corsários ingleses, franceses, castelhanos e flamengos.

Em 1583, os hispânicos conseguiram alcançar o domínio insular após violentos combates, mas com a Restauração de 1640, Portugal recupera a independência e a Terceira solidifica a sua posição central no arquipélago.

No século XVII, a população da ilha já era suficientemente grande para que se iniciassem os movimentos emigratórios dos teiceirenses para o Brasil, seguidos, nos séculos seguintes, pelas correntes de emigrantes para os Estados Unidos e Canadá [Câmara Borges, 1960: 7-8].

Durante a Segunda Guerra Mundial, permite-se aos britânicos instalarem uma base militar próxima da Praia da Vitória, que

posteriormente passa para a Força Aérea Norte-Americana [*ibidem*, 1960: 2]. A conhecida e ainda hoje operacional Base das Lajes traz novas influências aos habitantes locais.

Acabámos de enumerar os mais importantes factos da história da Ilha Terceira com o objetivo de apresentar quais foram os factos históricos que se permeiam com os factos linguísticos. Sem dúvida, o meio geográfico e o isolamento das primeiras décadas da história açoriana influenciaram na formação do dialeto terceirense que se tornou uma marca distintiva da identidade do povo dessa região.

Os traços específicos da fonética do Português da Ilha Terceira

Como afirmam os linguistas Luísa Segura e João Saramago “a língua portuguesa, quando comparada com as suas congêneres românicas, aparece como relativamente uniforme, apresentando reduzida diferenciação dialectal” [2001: 221]. No entanto, nas linhas que se seguem, os autores constataam que

(...) qualquer falante do português de qualquer região não tem dificuldade em compreender um outro de qualquer outra parcela do território, ainda que afastada (excepção feita talvez para os continentais relativamente aos falantes de alguns dos dialectos insulares, nomeadamente os da Madeira e de São Miguel) [*ibidem*: 221].

Embora a diferenciação dialetal alcance todos os níveis de uma língua, o fator fonético juntamente com o fator lexical formam os elementos mais distintivos. Por outras palavras, uma pessoa comum identifica com bastante facilidade de que região é o falante, baseando-se nos traços fonéticos e lexicais.

O português insular dos Açores tem três notáveis particularidades fonéticas: labialização de vogais orais acentuadas [Leite de Vasconcelos, 1892: 291], a monotongação de ditongos orais e *release* de vogais anti-hiáticas, “sendo o último aplicado particular e quase

exclusivamente ao grupo central” [Blayer, 2004: 46]. O que está relacionado com a forte presença da vogal [u] labializada na posição tónica [ü], com a pronúncia aproximada a [ju] e que resulta numa deslocação do sistema vocálico, transformando-se assim num sistema assimétrico, distinto do Português padrão, é um traço que distingue o falar da ilha de São Miguel. Em geral, nos Açores o sistema vocálico participa da mutação que se desenvolve no vocalismo das línguas românicas, sendo mais proeminente em São Miguel e aparecendo com vários graus de acentuação nas demais ilhas [Blayer, 1992]. Em outros falares, este fenómeno existe mas não é tão frequente e marcado. O segundo fenómeno dos que mencionamos, nomeadamente a monotongação, é notável em São Miguel e existe, embora menos acentuado, no grupo ocidental (Flores, Corvo) e no grupo central (Graciosa, Pico).

O Português terceirense tem, no entanto, a sua característica própria. A característica mais destacada da fala açoriana, e em particular da fala da Ilha Terceira, é o que podemos chamar de vogal acentuada instável (há casos similares também na ilha da Madeira). Neste fenómeno fonético, a vogal acentuada apresenta-se modificada pelo timbre das vogais ou das semivogais átonas que a precedem. A característica fonética da vogal tónica muda sempre quando na sílaba anterior existem as vogais [i] ou [u] ou as semivogais [j] ou [w]. Neste caso, aparece imediatamente antes da vogal acentuada, a semivogal aproximada na articulação à vogal ou semivogal precedente, formando-se assim um ditongo crescente, p. ex.:

ceifar [sei'fjar]
 buscar [buszk'war]
 fumar [fum'war]
 pintar [pint'jar]
 pernas [pw'ernasz]

Ao observar os exemplos da realização deste fenómeno, nota-se que a ditongação com [w] é comum quando precedida pelas consoantes *p*, *b*, *m*, como nos seguintes exemplos:

porco [pw'orku]

bicho [b^w'iszu]
 morrer [m^w'orer]

Mas, ocorre também quando a vogal é precedida pelas labiodentais: *f*, *v*, dentoalveolares *t*, *d*, *n*, *l*, *r*, *s*, *z*, ou a palatal *lh* [Blayer, 1992: 50]:

cozido [cuz^w'ido]
 servido [surv^w'idu]

Este fenómeno atingiu maior intensidade na Ilha Terceira, onde se tornou um traço individualizador da fala terceirense, enquanto nas outras ilhas do arquipélago é menos frequente.

Uma característica similar destaca-se na fala da Região Douro Litoral, com a capital no Porto, onde as vogais médias acentuadas [e] e [o] se submetem à ditongação correspondentemente em [je] e [wo]. Daí resultam as pronúncias:

dizer [diz'jer]
 Porto [p^w'ortu]
 nervoso [nirβ^w'ozu]

Reparem que nos exemplos com as palavras *cozido* e *servido* é perceptível também outra característica da fonética insular. Assim, ao som que na língua padrão se representa por *o* ou por *e* com a pronúncia de [o], ou [e], corresponde nas mesmas palavras o som [u]. Vasconcelos dá ainda mais exemplos do fenómeno [1892: 293]:

soa ['sua]
 vergonha [verg'uŋa]
 flor ['flur]

Existe um outro fenómeno, chamado harmonização vocálica, provocado pelo timbre da vogal átona final [u] grafada como *-o* sobre a vogal [a] tónica da sílaba anterior. Neste caso, esta sofre uma modificação do timbre que a aproxima de [ɔ]. Assim, o *pato* soa quase como ['pɔtu] ou *gato* como ['gɔtu]. É um fenómeno presente em todas as ilhas, ocorrendo com mais regularidade na Ilha de São Miguel, Graciosa, Corvo e Porto Santo [Segura, Saramago, 2004: 230].

Observações finais

Como se originou então esta característica distintiva do falar terceirense? Por que razão a labialização vocálica não teve aí tanto sucesso? É difícil provar a evolução fonológica, mas a primeira explicação que nos é sugerida é a presença dominante da gente do norte, ao passo que a forte labialização, tão característica na Ilha de São Miguel, advém da presença de povoadores das regiões da Baixa, Alentejo e Algarve [Lindley Cintra, 1983] onde a vogal labializada tem muita vitalidade.

Das descrições precedentes podemos concluir que o dialeto terceirense na sua forma fonética oferece fenómenos próprios a este local. Por outro lado, apresenta outros fenómenos que, como vimos, são comuns a outros dialetos do arquipélago e aos do continente.

Referências bibliográficas

- BLAYER, I. M. (1992), *Aspects of the Vocalic System in the Speech of the Azores Islands*, Ph. D. Diss., University of Toronto, Toronto.
- BLAYER, I. M. (2004), “Variação Linguística no Português Europeu: O caso do Português dos Açores”, *Estudos Linguísticos*, 7, 1, Londrina, pp. 43-60.
- CÂMARA BORGES, N. (1960), *Influência anglo-americana no falar da ilha de S. Miguel (Açores)*, RPF, Suplement II, Coimbra.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1890-92), “Dialectos Açoreanos (Contribuição para o estudo da Dialectologia Portuguesa)”, *Revista Lusitana*, 2, Lisboa, pp. 289-307.
- LINDLEY CINTRA, L. (1983), *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Sá da Costa, Lisboa.
- SEGURA, L., SARAMAGO J. (2001), “Variedades dialectais portuguesas”, *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas (Catálogo)*, Biblioteca Nacional, Lisboa, pp. 221-237.
- SILVA RIBEIRO, L. (1983), “Formação do Povo dos Açores: Subsídio para o seu estudo”, *Obras II*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, pp. 45-68.